

# COMO EU ENTENDO CORACÃO E VIDA

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

ESPÍRITO DE MARIA DOLORES

Valentim Neto - 2017

(Revisão de expressões e apontamentos)

[neto.aga@gmail.com](mailto:neto.aga@gmail.com)

# Coração e Vida



Francisco  
Cândido  
Xavier

Maria  
Dolores

# ÍNDICE

AVISO	5
PALAVRAS DA VIDA	6
RENÚNCIA MATERNAL	7
ANSEIO E PRECE	9
O IRMÃO DA CARIDADE	10
PRESENÇA DE JESUS	13
NÃO DIGAS	14
CONVERSAS	15
A PROMOÇÃO	16
O PODER DA PRECE	19
TODOS RICOS	22
DIANTE DO MUNDO	23
CANÇÃO DA ESPERANÇA	25
HISTÓRIA DE UMA FESTA	26
AMOR E PERDÃO	29
PRECE	31
UM RETRATO DO ABORTO	32
CAMINHO DA ELEVAÇÃO	34
CANTIGA DA REENCARNAÇÃO	35
ALMA DE ARTISTA	37
AMOR MATERNO	38
CANÇÃO DA FÉ	41
HISTÓRIA DE UM CÃO	42
A MENSAGEM DA ROCHA	44
TEMPO E VIDA	46
PATERNAL AMOR	47
ENCONTRO DA FÉ	50
O CULPADO VÊ CULPAS	51
LEGENDA SUBLIME	53
JUSTIÇA	54
INDULGÊNCIA E NÓS	57
CANTIGA DA VIDA	58
CANÇÃO DO TEMPO	59
PRECE POR AUXÍLIO	61
PRECE DE LOUVOR	62
A ENFERMEIRA DO ALÉM	63

**A ascensão dos Espíritos resulta da incessante luta  
contra as paixões primitivas em domínio,  
que a razão e a intuição inspiram combater  
mediante os expressivos recursos do amor,  
do trabalho, da abnegação  
e da vivência das virtudes.**

**Cairbar Schutel**

**(Apontamentos:**

Essa intuição não é do corpo físico, animal, é aquela que trazemos no inconsciente espiritual, daquilo que vimos e aprendemos por lá. A luta é incessante por estarmos num mundo de resgates e expiações, quando estivermos bem adiante no evolutivo espiritual, será apenas de trabalho gratificante...)

## AVISO

Maria Dolores

**Está sendo procurado.**  
**Homem considerado galileu.**  
**Trinta e três anos.**  
**Pele clara e expressão triste.**  
**Cabelos longos e barba maltratada.**  
**Marcas sanguinolentas nas mãos e nos pés.**  
**Caminha habitualmente, acompanhado de mendigos e vagabundos, doentes e mutilados,**  
**cegos e infelizes.**  
**Onde aparece, frequentemente, é visto, entre grande séquito de mulheres sendo algumas de**  
**má vida, com crianças esfarrapadas.**  
**Quase sempre está seguido por doze pescadores e marginais.**  
**Demonstra respeito para com as autoridades, determinando se dê a Cesar o que é de Cesar,**  
**mas espalha ensinamentos contrários à Lei antiga, como sejam:**  
 - o perdão das ofensas;  
 - o amor aos inimigos;  
 - a oração em favor daqueles que nos perseguem ou caluniam;  
 - a distribuição indiscriminada de dádivas com os necessitados;  
 - o amparo aos enfermos, sejam eles quais forem;  
 - e chega ao cúmulo de recomendar que uma pessoa espancada numa face ofereça a outra  
 ao agressor.  
**Ainda não se sabe se é um mágico, mas testemunhas idôneas afirmam que ele multiplicou**  
**cinco pães e dois peixes em alimentação para mais de cinco mil pessoas, tendo sobrado doze**  
**cestos.**  
**Considerado impostor por haver trazido pessoas mortas à vida, foi preso e espancado.**  
**Sentenciado à morte, com absoluta aprovação do próprio povo, que o condenou, de prefe-**  
**rência à Barrabás, malfeitor conhecido, recebeu insultos e pedradas, sem reclamar, quando**  
**conduzia a cruz às costas.**  
**Não se ofendeu, quando questionado pela Justiça, complicando-se-lhe a situação, porque**  
**seus próprios seguidores o abandonaram nas horas difíceis.**  
**Sob afrontas e zombarias, foi crucificado entre dois ladrões.**  
**Não teve parentes que lhe demonstrassem solidariedade, a não ser sua Mãe, uma frágil mu-**  
**lher que chorava aos pés da cruz.**  
**Depois de morto, não se encontrou lugar para sepultá-lo, senão lodoso recanto de um tú-**  
**mulo, por favor, de um amigo.**  
**Após o terceiro dia do sepultamento, desapareceu do sepulcro e já foi visto por diversas**  
**pessoas que o identificaram pelas chagas sangrentas dos pés e das mãos.**  
**Esse é o homem que está sendo cuidadosamente procurado.**  
**Seu nome é Jesus de Nazaré.**  
**Se puderes encontrá-lo, debes segui-lo para sempre.**

**(Apontamentos:**

Este é um conhecido e importante aviso que deveria estar em lugar destacado de todos os lares terrenos, mentalmente decorados e lembrados diuturnamente, expressos em sentimentos reais por todos os momentos da vida. Será que um dia veremos e teremos isso?)

## PALAVRAS DA VIDA

**Maria Dolores**

Levanta-te, cada dia,  
Pensa em Deus, louva e agradece,  
Mesmo num lance de prece  
A benção de trabalhar  
E cumpre as obrigações  
Que a vida te deu às horas,  
Doando a paz onde moras,  
Partindo do próprio lar.

Se resguardas na lembrança  
Alguma ofensa sofrida,  
Deixa ofensa esquecida  
Na luz eterna do bem;  
Não busques descanso inútil,  
Trabalho é apoio preciso,  
Não afastes teu sorriso  
Do coração de ninguém.

Exerce a beneficência  
Das palavras benfazejas,  
Se não tens o que desejas,  
Contenta-se no que tens;  
Às vezes, para quem sofre,  
Um momento de alegria  
No abraço de simpatia  
É sempre o melhor dos bens.

Nunca esmoreça. Trabalho  
Aprimora o mundo todo,  
Muita flor nasce do lodo  
Muito amparo vem da dor...  
Serve, ensina e reconforta  
Na fé viva que te alcança,  
Entre as luzes da esperança  
Começa o reino do amor.

**(Apontamentos:**

A denominada 'caridade' tem muitas facetas e a irmã Maria Dolores nos destaca algumas...)

## RENÚNCIA MATERNAL

Maria Dolores

A senhora ofegante agoniza no leito.  
 Ministrara-lhe o filho  
 Para acalmar-lhe a dor medicação suposta...  
 Agora compreendia...  
 Era um crime perfeito  
 E o coma inesperado  
 Atingia-lhe, em cheio, por resposta:  
 Ali estavam ambos. Noite alta.  
 O rapaz não percebe  
 Toda a extensão da própria falta.  
 Na câmara trancada, ela jaz consciente;  
 Não teria suposto o filho amigo e inteligente  
 Que ela criara aos mimos,  
 Entre risos e beijos,  
 Para brilhar nos grandes cimos  
 Do campo social,  
 Capaz de impor-lhe assim,  
 Tão doloroso fim  
 Na moldura do mal.

Ao derradeiro olhar da vítima que sofre,  
 O rapaz abre o cofre  
 E retira o dinheiro ali depositado,  
 Além da grande soma de contado,  
 Ele, o moço infeliz,  
 Furta os brilhantes e os rubis,  
 Os adereços de ouro, as pedras raras  
 E as coleções mais caras  
 Que falavam tão alto ao coração materno...  
 Vendo que a genitora nele fixa o olhar piedoso e terno  
 Ao entregar-se a morte,  
 Ele, calmo, efetua o lúgubre transporte  
 Do tesouro que passa a usufruir  
 Para local  
 Que ninguém, mas ninguém da moradia enorme  
 Poderá descobrir

Logo depois, enquanto a casa dorme,  
 Ante a mãe morta, agora enrijecida,  
 Ele prepara a cena pela qual  
 Ela será interpretada  
 Na condição de pobre dementada  
 E doente suicida.  
 Por detalhe final  
 Coloca junto dela  
 Uma taça de estranho corrosivo,

Um veneno letal  
 Tisnando o guaraná inofensivo.  
 Em seguida, abre a porta,  
 Conclama servidores,  
 Grita clamando a dor que o desconforta,  
 Diz que a mãe se fizera  
 Lamentável suicida,  
 Por sofrer grande tédio em toda a vida...  
 Roga estejam presentes  
 Autoridades competentes,  
 E, após o barulhento funeral,  
 Ei-lo rico, afinal,  
 Na sede de fazer no mundo o quiser,  
 Sem recordar sequer, que acima das criaturas e das cousas  
 Outra vida palpita além das lousas.

Mas, no Além, oh! Segredo soberano,  
 Aquela mãe liberta,  
 Sente falta do filho desumano,  
 Reconhece que o ama e nota que o perdoa,  
 Imensamente terna e imensamente boa...  
 Mostrando o coração por brilhante luzeiro  
 Ante as Mansões da Paz, encontra um mensageiro  
 Que lhe oferece os Céus por recompensa...  
 Ela, porém, humilde,  
 Disse não esperar  
 Poder subir, sozinha, aos sóis do Eterno Lar;  
 E porque o mensageiro lhe indagasse  
 Sobre o que mais desejaria,  
 A explicar-lhe  
 Que o mérito alcançado  
 Não lhe impunha incerteza ou qualquer empecilho.  
 A pobre replicou, timidamente:  
 - Creio eu que o Senhor  
 Coloca o nosso céu onde está nosso amor!...  
 Anjo bom, se Jesus terno e clemente,  
 Pode ainda me ouvir, por imensa piedade,  
 Quero dizer que não desejo  
 Outra felicidade,  
 Outro céu e outro brilho,  
 Nem qualquer redenção,  
 Além da permissão  
 De voltar para a Terra e proteger meu filho!...

(Apontamentos:

Ainda estamos firmemente ‘presos’ a valores materiais e, naturalmente, egoísticos possessivos: ‘Meu filho!’.  
 Espíritos somente têm Criador e irmãos, nada de pai e mãe... Porém, para o entendimento daqueles que patinam na materialidade, é melhor falar por palavras de valor físico, como a irmã faz! Espíritos devem se amar como ‘irmãos’...)



## ANSEIO E PRECE

Maria Dolores

Senhor!...  
Sei que nos deste a todos  
Um encargo ou missão.  
Nada promoves sem objetivo,  
Nada fazes em vão.

À estrela conferiste  
A benção de aguentar-se e refulgir sem véu,  
Tal qual sucede ao Sol que nos conduz  
Pelas vias do Céu.

Atribuístes à Terra  
A função de compor e recompor  
A forma em que o trabalho nos confere  
A ciência do amor.

Colocaste no mar a investidura imensa  
De externar-te o poder  
E a fonte o privilégio de ensinar-nos  
A humildade por norma e o perdão por dever.

Comissionaste as árvores amigas,  
Em que a lição do bem se exprime e se condensa,  
Para a tarefa de guardar-te a vida  
E auxiliar sem recompensa.

Doaste à flor o dom de perfumar  
E puseste na estrada o dom de conduzir,  
Deste música às aves, deste ao vento  
O doce ministério de servir.

Tudo te filtra a glória soberana,  
Tudo te exalta a Lei,  
Em razão disso, eu própria reconheço  
Que quase nada sou e quase nada sei

Mas se posso pedir-te alguma coisa,  
Converte-me, Senhor, a própria imperfeição  
Num canal pequenino que te mostre  
A força da bondade e a luz da compaixão.

(Apontamentos:

Orar é 'falar' com o Criador! Podemos falar e pedir tudo que quisermos, mas recebemos somente aquilo que o Amor Divino sabe nos ser correto e útil! Antes de qualquer petição é fundamental analisar o que vamos pedir ao Pai, para não recebermos uma resposta assim: "Mas eu já te dei TUDO de que necessitas; inteligência e tempo!".)

## O IRMÃO DA CARIDADE

Maria Dolores

Frei Damião vivia numa choça,  
 A mais humilde que idear se possa,  
 Um recanto perdido, entre serros perdidos,  
 Amparando aos doentes e aos caídos.  
 Mãos calosas na gleba, ele mesmo produz  
 O pão que come e a roupa que o reveste  
 E agora mais cansado, mais sozinho,  
 Acolhe os viajantes do caminho  
 Quais se fossem Jesus.

Era assim que vivia o servo do Senhor:  
 Coração transformado em pousada de amor.  
 Aos romeiros sem lar, de visita à choupana,  
 A lhe pedirem rumo, amparo e vida nova  
 Sabia atenuar os rigores da prova,  
 Doando-lhes consolo à rude estrada humana.  
 Fosse ao pranto de mãe, fosse a triste mendigo,  
 Aos enfermos sem fé que o desespero alcança,  
 Aos famintos de pão, às almas em perigo  
 Entregava o socorro e a benção de esperança.  
 Assim envelhecera Frei Damião  
 Sentindo Jesus Cristo em cada coração.

Quanto tempo vivera não sabia,  
 Auxiliava a todos, noite e dia...  
 Mais tarde, adoeceu... E, mesmo assim,  
 Curvado para a Terra, erguia as mãos trementes,  
 Socorrendo viajores e doentes,  
 Embora sempre a febre a recordar-lhe o fim...  
 De corpo gasto e desarticulado,  
 Numa noite de gelo, ele escuta um chamado:  
 - Damião, Damião, há mau tempo, abre a porta,  
 Liberta-me do frio que me corta!...

Levanta-se o velhinho e abre a cabana estreita,  
 Vê diante de si um enfermo que se arrasta,  
 Nota-se o corpo em lepra, a desfazer-se todo,  
 É um pedinte de estrada em chagas, sangue e lodo...  
 - Abriga-me hoje só – ele diz, suplicante  
 Damião não vacila e dá-lhe o próprio teto.  
 Lá fora, a ventania é o tumulto completo.  
 Ulula o furacão desatado e violento,  
 Tombam troncos viris aos arrancos do vento...

- Tenho fome, Damião – clama o recém-chegado  
 O velhinho febril treme, avança, tasteia,

**Procura o pão guardado**

**E dá-lhe o pão que tem, entre o prato e a candeia.  
- Tenho sede, Damião, pede o estranho viajor,  
Trago a garganta em fogo, em tremenda secura...  
Damião traz-lhe um pouco de água pura**

**E o pobre continua, em voz lenta e magoada:**

**- Tenho frio, Damião, sofri muito na estrada...  
O irmão da caridade não hesita,  
Dá-lhe a pele de urso que o recobre,  
Entretanto, o infeliz, tão triste quanto pobre  
Exclama: - estou cansado, a inquietação me agita,  
Ajuda-me a dormir  
Quero um leito, Damião...  
Damião dá-lhe o leito e se deita no chão.**

**Mas o pobre na cama, agasalhado e quente  
Roga em pranto: Damião, tenho o corpo doente,  
Aquece-me, por Deus, tenho a carne ferida,  
Vem a mim!... Teu calor pode salvar-me a vida!...  
Damião, não vacila, ergue-se com carinho,  
Ele conhece a dor dos tristes do caminho...  
Lembra outras noites más, chuvosas e nevoentas,  
E abraça-lhe, ao deitar-se, as chagas purulentas...  
Mas nisso a choça escura se ilumina...  
Damião sente um choque... E busca o itinerante  
Mas já não vê o pobre suplicante...**

**Erguera-se o mendigo,  
Mostra um rosto diverso e um sorriso sereno...  
Ajoelha-se, à pressa, o irmão dos infelizes  
E no pranto a banhar-lhe o rosto em cicatrizes,  
Reconhece no estranho o Mestre Nazareno.  
Ele fita em Damião o olhar de amor e luz,  
E enquanto a tempestade estraçalha o arvoredado,  
Como quem sente o Céu em divino segredo,  
Damião deslumbrado,  
Tendo o Amigo Celeste, lado a lado,  
Diz apenas: Jesus!...**

**O Mestre se aproxima e fala-lhe, de manso:  
- Damião, vem comigo,  
Encontrarás agora o tempo do descanso...  
No outro dia, mais cedo, outro irmão aparece,  
Vem rogar a Damião a benção de uma prece,  
Mas verifica em mágoa e desconforto:  
O irmão da caridade estava morto,  
No entanto, qual se o corpo imóvel resguardasse  
Recôndito vigor,  
Trazia na algidez da própria face  
Uma expressão de paz e um sorriso de amor.**

**(Apontamentos:**

**Poucos são os Espíritos que caminharam nas veredas do Amado Mestre e atingiram o ponto evolutivo espiritual de total abnegação neste estágio terreno. Algumas personagens são citadas, mas outras existem que transitam e transitaram nas sombras do noticiário humano, a maioria ainda labuta nos caminhos turbulentos da materialidade e da pouca espiritualidade. Dizem que ‘os tempos são chegados’, mas serão tempos do humano ou dos Espíritos? A conclusão que se tira, olhando para o mundo atual, é de que os ‘tempos’ são do mundo espiritual!)**

## PRESENÇA DE JESUS

**Maria Dolores**

**Afirmas, muita vez, alma querida,  
Em fervorosa prece:  
- “Quero, Jesus, servir e cooperar contigo!...  
Ah! Senhor, se eu pudesse!...”.**

**Depois, declaras-te sem forças.  
Pensa, entretanto, nisto:  
Podes ser hoje mesmo, onde estiveres,  
A sublime extensão da bondade do Cristo!...**

**Fita a sobra da mesa que te ampara:  
Utilizando um pão, simples embora,  
Consegues replantar as flores da alegria  
Na penúria que chora.**

**Considera o montão de bens que atiras longe  
Sem sentir, sem pensar, inconsequentemente:  
Descobrirás nas mãos o privilégio  
De estender reconforto a muita gente.**

**Lembra a moeda, tida por singela:  
Escorada na fé que te bendiz,  
Transforma-se na xícara de leite  
Que socorre e refaz a criança infeliz.**

**Detém-te nos minutos disponíveis:  
Ao teu devotamento se farão  
A visita, a bondade, o carinho e o consolo  
Para o enfermo largado à solidão.**

**Trazes contigo os dotes da brandura:  
Ante os golpes do ódio explosivo e violento,  
Guardas a faculdade de extinguir  
O fogo da revolta e o fel do sofrimento.**

**Observa o tesouro da palavra:  
Se envolvida de paz, a tua frase alcança  
Todo aquele que cai na sombra da tristeza  
Para erguer-se de novo ao toque da esperança.**

**Não te digas inútil, nem te omitas...  
A trabalhar, servir, amparar, recompor,  
Serás, alma querida, em qualquer parte,  
A presença do Cristo em teu gesto de amor.**

**(Apontamentos:**

**O Pai nos concedeu todas as ferramentas necessárias ao nosso trabalho, portanto; façamos nossa parte!)**

## NÃO DIGAS

Maria Dolores

Não digas: “não sou feliz”  
 Ante a dor que te acrisola;  
 A Terra é sublime escola,  
 Lembrando imenso jardim;  
 Fita o quadro que te cerca:  
 Do mar às mínimas fontes,  
 Do abismo ao topo dos montes,  
 Tudo é vida aos Céus sem fim.

Não fales que vês apenas  
 Seres fracos e infelizes,  
 Trevas, chagas, cicatrizes,  
 Tristeza, nódoa, pesar...  
 Recorda que não cresceste,  
 Sem apoio, sem afetos,  
 Sem os laços prediletos  
 Que brilham no próprio lar.

Não fales que a solidão,  
 Fez-se-te o mal sem remédio,  
 Que nada te cura o tédio  
 Que não sabes de onde vem;  
 Sai de ti mesmo e olha em torno:  
 Verás, por todos os lados,  
 Os irmãos infortunados  
 Rogando o amparo de alguém.

Não digas que tudo falha,  
 Que acima de qualquer crença,  
 Vale mais a indiferença  
 Dos que se fazem ateus;  
 Conta as forças que te apoiam...  
 Decerto perceberás  
 Que a luta é o preço da paz  
 E tudo é benção de Deus.

(Apontamentos:

Enquanto o ‘eu’ não estiver devidamente educado, de coração Cristão, não conseguirá ver o ‘nós’! Assim o ‘eu’ perambulará isolado e perturbado, acreditando que este mundo é horrível, mas, um dia, o sol da verdade aparecerá aos seus olhos e perceberá que dormiu e sonhou em pesadelos terríveis, produtos de sua própria imaginação, e despertará maravilhosamente disposto a partilhar no lindíssimo mundo do Espírito!)

## CONVERSAS

**Maria Dolores**

**Onde estiveres, anota:  
Se surgem lutas e crises  
Com momentos infelizes  
De verbo candente e vão,  
Escuta com paciência,  
Ajuda, ampara, abençoa  
E lança a palavra boa  
Que anule a perturbação.**

**Opiniões, confidências, diálogos, comentários,  
- São forças de efeitos vários  
Que se ampliam a granel;  
Há palavras que são flores,  
Outras recordam espinhos  
Nos lares e nos caminhos  
Espalhando fogo e fel.**

**Estende luz e esperança,  
Fala no bem quando fales,  
Que a Terra já tem por males  
Penúria, tristeza e dor;  
Jesus nos pede a palavra  
Para entender e servir,  
A fim de erguer no porvir  
O Reino de Paz e Amor.**

**(Apontamentos:**

**“Não é o que entra pela boca que é errado... É o que sai pela boca, pois isto vem do coração!”. Será que precisamos de outro ensino com respeito às palavras que proferimos?)**

## A PROMOÇÃO

Maria Dolores

Resplendia o jardim celeste em pleno Espaço.  
Era o maravilhoso dia  
De alto deslumbramento  
Do encontro de união e de alegria  
Dos que haviam servido, passo a passo,  
Nas tarefas do amor sem recompensa  
Na Terra, onde o egoísmo  
Tanta vez se condensa.

Era uma nesga azul de solo rarefeito  
Matizada de flores  
Bordadas de arabescos multicores  
Onde podia respirar apenas quem já pudesse irradiar  
As vibrações serenas  
Da fé sublime alçada ao bem perfeito.  
Não eram muitos os conquistadores  
Daquela posição de excelsos resplendores;

Quarenta e dois Espíritos somente,  
Todos eles modelos de bondade,  
Eram ali o escol da Humanidade,  
Em atitude calma e reverente  
Esperando a sonhada promoção  
Que constaria  
Do poder de elevar-se à próxima ascensão.  
Na luminosa e ilustre confraria

Estavam sacerdotes de renome,  
Filósofos, notáveis pensadores,  
Nobres mulheres, santas heroínas,  
Monges mostrando frontes peregrinas,  
Jovens que haviam sido vencedores  
De tentações terríveis...  
Todos trocavam frases de altos níveis...

Somente alguém, ali, em meio a tudo,  
Que era festa de brilho e de beleza,  
Parecia um mendigo triste e mudo,  
Era o irmão Jonaquim,  
Desconhecido entre os demais...  
Vestia-se com peles de animais,  
Remarcadas de lama...

Na expressão rude e feia,  
Exibia sinais de sangue, lodo e areia;  
Jazia ele a um canto, humilde e pensativo,



Enquanto o grupo conversava em festa.  
 Chegando o instante, enfim,  
 Da nobre promoção;  
 Aquele dos presentes que tivesse  
 O menor peso espiritual  
 Seria alçado à frente

Do caminho esplendente  
 Para mansões mais altas e mais belas  
 Da Vida Universal.  
 Vieram ao recinto os dois encarregados,  
 Ambos chamados Anjos da Balança,  
 E os candidatos sem qualquer despeito,  
 deixaram-se pesar num instrumento perfeito  
 Que lhes patenteava  
 A evolução imensa...

E o peso de cada um  
 Era leve, tão leve,  
 Que não se via quase  
 Uma pequena base  
 Para que se notasse a diferença...  
 O recatado Jonaquim  
 Ficou de longe, muito ao longe,  
 E sendo o último no exame foi chamado por fim.

Ele veio acanhado,  
 Pés descalços no apoio de um bordão,  
 E um dos dois mensageiros perguntou:  
 - Jonaquim, meu irmão,  
 Dizei: qual foi na Terra a vossa religião?  
 Precisamos aqui de vossos dados  
 Para serem por nós  
 Devidamente revisados.  
 No entanto, Jonaquim, humilde, respondeu:  
 - Anjo bom, sou sincero... Crede!...

Eu Não tive sobre a Terra a fé pregada,  
 Acreditei, como acredito agora  
 Na presença de Deus que nos guarda e aprimora,  
 Entretanto,  
 Por mais que eu desejasse procurar  
 Um templo ou algum lugar  
 Para aprender como se adora a Deus,  
 Nunca pude sair  
 Da choça em que morei, ao pé de antiga estrada,  
 Onde os que sofrem eram irmãos meus...

Era um deserto a terra em que vivi...  
 Despendi muito tempo  
 A transportar crianças e doentes

**Que ansiavam por água em solos diferentes...  
 Minha estreita choupana  
 Era uma porta aberta à desventura humana...  
 Ouvi a confissão de míseros velhinhos  
 Que clamavam, em vão, pelos parentes,  
 Agonizando, desvalidos,  
 E aguardando, de balde, os próprios descendentes...**

**De quantos eu cerrei, na morte, os olhos baços  
 Não saberei o número por certo...  
 Só Deus sabe os que vi morrendo nos meus braços  
 E os que enterrei, a sós, na penúria sem nome,  
 E as crianças sem apoio que me buscavam,  
 Sentindo sede e fome...  
 Deus me perdoe se nunca fui às crenças  
 Para estudar a fé e entender diferenças...**

**Ouvi dizer, na Terra, que houve um homem  
 Que nunca descansou, fazendo o bem,  
 Que amou aos bons e aos maus sem ferir a ninguém!...  
 Ah! Como desejava tê-lo visto!...  
 Dizem que se chamava Jesus Cristo;  
 Nunca lhe ouvi, no mundo, os lúcidos ensinamentos  
 E ouvi também dizer que por serem divinos  
 Ele morreu na cruz...**

**A pequena assembleia  
 Escutava expectante e enternecida  
 Aquele que soubera amenizar a vida.  
 E os Anjos da Balança  
 Puseram Jonaquim, sob exame preciso,  
 Em nome de Jesus...  
 Depois anunciaram num sorriso  
 Que o velho Jonaquim tinha o peso da luz.**

**(Apontamentos:**

**Quando o trabalhador está pronto o trabalho aparece. O Espírito que se esforça na seara da fraternidade já caminhou por muitas 'escolas', está cheio de teorias e necessita de práticas. Fazer o bem é predispor-se ao auxílio e auxiliar... Não há saltos no evolutivo espiritual, não podemos passar de 'errados' a 'certos' de uma hora para outra! Alguém grita por socorro, está com terrível dor de cabeça; como posso ajudá-lo se não conheço a solução ou alívio e nem tenho um 'Dr. Bezerra' a me instruir? Mas quando eu, Espírito, já formei uma bagagem de conhecimentos, está no inconsciente, atendo corretamente a qualquer irmão, já caminho tranquilo na estrada da fraternidade; sou um trabalhador pronto!)**

## O PODER DA PRECE

Maria Dolores

O jovem milionário  
Adamastor Macário,  
Rapaz rude e violento,  
Derramando alegria,  
Sentia-se feliz em seu mais belo dia,  
Pois era o dia de seu casamento.

No palácio rural de sua habitação,  
Tudo era festa em ascensão.

Pela manhã, porém, ele recebe à porta  
Uma pobre viúva, a carregar nos braços,  
Um filhinho de meses,  
Portador de moléstia fulminante...  
Sentindo a morte a lhe rondar os passos,  
Dirige-se a Macário e pede suplicante:

- Socorre-nos, senhor,  
Salve meu filho! Pague-lhe um tratamento...  
E rematou com lágrimas na voz:  
- Por amor a Jesus, tenha pena de nós!...

Com surpresa geral, Adamastor  
Não se fez rude como de outras vezes,  
Fitou o pequenino,  
Compadecidamente,  
Depois recomendou a um antigo empregado:  
- Leve a criança ao médico... Ação pronta.  
Em seguida,  
Busque a farmácia com presteza,  
Seja o gasto que for, qualquer despesa  
Corre por minha conta...

A viúva, andrajosa e enternecida,  
Agradeceu-lhe a caridade,  
Qual se estivesse recebendo  
No filho em tenra idade  
Plena renovação da própria vida.

Adamastor, porém,  
Mesmo casado  
Continuou brutalizado  
E um modelo completo de avareza...  
Recolhia, ele próprio, as migalhas da mesa  
Que sobrassem de cada refeição  
Para fazer negócio, às escondidas...

E ei-lo, dia por dia, a repetir fremente,  
 Na mais estranha desesperação:  
 - Dinheiro, sim... Beneficência, não...  
 Nada me peçam que não dou vintém,  
 Não dou nem mesmo um pão à fome de ninguém.

O tempo foi passando,  
 Pedisse quem pedisse,  
 A resposta era não... Toda aquela segura  
 Parecia loucura  
 Em vez de sovinice.

Talvez decepcionada, alma triste e vazia,  
 Com as atitudes do marido avaro,  
 Breve, morreu a esposa em desamparo,  
 Sem deixar-lhe um só filho à casa enorme e fria...

Mais tempo decorreu  
 E Macário a lutar, sem qualquer companheiro,  
 Só queria dinheiro e mais dinheiro...  
 Até que, um dia, a morte veio arrebatá-lo.  
 Adamastor, velhinho,  
 Num lance do caminho,  
 Caíra do cavalo,  
 Fora pisoteado e, ante as perdas de sangue,  
 Gritava, agonizante, entre as pedras de um mangue:  
 - Eu não quero morrer, eu não quero morrer...  
 Mas a morte, por si, não queria saber  
 Se ele queria ou não  
 E, assim, agiu na hora...

Desencarnado agora,  
 O antigo milionário,  
 Sente-se louco, aflito e solitário,  
 Sob o fardo das lágrimas que leva...  
 Só pensava em dinheiro e via-se na treva...

Era um mendigo apenas  
 Que somente trazia  
 A lembrança vazia  
 De moedas terrenas...  
 Cego, desesperado, atônito, sozinho,  
 Fez-se triste fantasma, errando no caminho...  
 Até que, num momento inesperado,  
 Logo após largo tempo em profunda cegueira,  
 Sentiu algo a buscar-lhe os íntimos refolhos,  
 Uma luz que lhe dava outra luz para os olhos...

Fitou, em derredor, e notou espantando  
 Que uma pobre velhinha orava junto dele,

**Quase que, lado a lado;  
 E ouviu-a murmurar, em voz segura e mansa,  
 Como se lhe trouxesse a bênção da esperança:  
 - Rogo, Deus de Bondade, ao teu imenso amor,  
 Ele foi para mim de uma bondade rara,  
 Não te esqueças, Senhor,  
 Que um dia ele salvou o meu filho que me ampara...  
 Abençoa, meu Deus,  
 Quem foi em nossa casa  
 O grande benfeitor!...**

**O antigo milionário,  
 Sob um clarão divino,  
 Recordou a chorar o passado momento  
 Em que ajudara a um pequenino,  
 No dia justo de seu casamento...**

**Banhado em nova luz  
 Ele gritou: - Por que? Por que, Jesus?  
 Não dei tudo o que eu tinha e tudo quanto quis,  
 A fim de ser agora mais feliz?**

**Era tarde, porém... Precisava voltar...  
 Renascer sobre a Terra,  
 Aprendendo a servir, a compreender e amar...  
 Nesse instante, contudo,  
 Retratava na face,  
 Embora atarantado, ansioso e mudo,  
 O júbilo de quem se libertasse  
 Das algemas de longo cativoiro,  
 Pois percebia, enfim, que acima do dinheiro,  
 Mostrava mais poder e muito mais valor  
 A lembrança de bem numa prece de amor!...**

**(Apontamentos:**

**Exemplos e mais exemplos, nunca faltam e nunca faltaram... Cesar e Mamom ainda são por nós acompanhados, mesmo quando nossos olhos recebem esses exemplos milenares, e continuamos reclamando da vida na matéria, mas não nos dispomos a sair da materialidade! Chegamos ao máximo de 'querermos' materializar os Espíritos...)**

## TODOS RICOS

Maria Dolores

**Não digas, alma irmã, que nada tens  
Ante a dificuldade em que te recrias,  
Na grandeza do mundo em que Deus nos resguarda,  
Olha o valor das cousas pequeninas.**

**Reflete na semente diminuta  
Na terra áspera e seca que se enfresta,  
Apesar do deserto que a rodeia  
Pode ser o princípio da floresta.**

**Pensa na gota medicamentosa  
Na convulsiva dor de impacto violento,  
Simples gota, lembrando pétala de orvalho,  
Suprimindo o poder do sofrimento.**

**Fita a mansão moderna alçada ao brilho  
Da Terra enobrecida e renovada,  
Quanto é pobre de força e segurança  
Sem a presença humilde da tomada.**

**Se, um dia, atravessaste a noite espessa,  
Tateando sem rumo dentro dela,  
Conheces quanto aflige a escuridão  
E quanto vale a chama de uma vela.**

**Não digas, alma irmã, que te sentes inútil,  
Não existem no amor donativos plebeus,  
Tens contigo a riqueza da esperança,  
O sorriso da paz e a proteção de Deus.**

**(Apontamentos:**

**Quando apenas nos interessamos por nossos problemas, sem nos atermos as suas razões ou como os suplantamos, certamente o orgulho e o egoísmo ainda predomina em nós. Dizer-se inútil é uma das formas mais ‘covardes’ de fugir à fraternidade!**

## DIANTE DO MUNDO

Maria Dolores

Ante os pesares do mundo,  
Observa, alma querida,  
A dor que ilumina a vida,  
Sob as provas, tais quais são...  
A Terra é uma grande escola  
De que temos o usufruto,  
Lembrando enorme instituto  
De trabalho e elevação.

Nascemos e renascemos,  
Atendendo a leis concisas,  
Conforme as lições precisas  
Que temos nós para dar;  
No serviço que nos cabe,  
Naqueles com quem vivemos,  
Jazem os pontos supremos  
De nosso próprio lugar.

Nas tarefas em que estejas,  
Cumpre o dever que te assiste,  
Se a vida parece triste,  
Não te queixes de ninguém...  
Cada pessoa na Terra  
Intimamente é chamada  
A servir, de estrada à estrada,  
Para a vitória do bem.

O homem robusto e moço  
Que administra a riqueza,  
Traz, por vezes, rude e acesa,  
A fogueira da aflição;  
A mulher que exhibe ao colo  
A cruz em joias e luzes,  
Às vezes tem muitas cruces  
Por dentro do coração.

Nunca censures. Trabalha,  
Crê, auxilia e não temas.  
Cada qual guarda problemas,  
Em forma de sombra e dor.  
Quem mais serve e mais perdoa  
É aquele que se renova,  
Vencendo, de prova em prova,  
Na grande escola do amor.

(Apontamentos:

**Quando ficamos entretidos com os irmãos de caminho, observando a ‘beleza’ de vida que levam e os ornamentos ‘maravilhosos’ que exibem, estamos perdendo o mais precioso dos nossos ‘tesouros’; ‘nosso’ tempo! Estar na carne é estar na escola da vida, é necessário que nos dediquemos ao ‘nosso’ estudo, ao ‘nosso’ aprimoramento espiritual, pois nas provas da evolução ninguém poderá responder por nós; é o ‘nosso’ exame!)**



## CANÇÃO DA ESPERANÇA

Maria Dolores

Sofres sob pressão de amargas crises  
E atravessas momentos infelizes,  
Qual se andasses por senda estranha e má;  
Mas embora sem forças a que te arrimes,  
Não te detenhas, nem te desanimes,  
- Outro dia virá.

Se caíste na estrada, ergue-te e lida,  
Trabalhar e esquecer é a grande lei da vida,  
Porque o tempo a servir, tudo renovará;  
A todo ser que chora, a quem luta e se cansa,  
Eis que o mundo repete a canção da esperança:  
- Outro dia virá.

Olha o tronco podado, amplamente despido,  
O solo massacrado, o campo desvalido,  
Fita o charco onde está...  
Mostram, por fora, a mágoa que os encerra  
Mas guardando, por dentro, a mensagem da Terra:  
- Outro dia virá.

Desse modo, igualmente, alma querida e boa,  
Carrega a própria cruz, ama, serve e perdoa,  
O caminho de Cristo é o mais belo que há;  
Deus é o Supremo Amor e a Suprema Beleza,  
E nos diz pelo Bem, de surpresa em surpresa.

(Apontamentos:

O nosso aprendizado é feito dia-a-dia, etapa por etapa, degrau a degrau, nada de saltos, nada de surpresas, tudo que foi e tudo que virá é puro aprendizado para a evolução espiritual... Observemos, aprendendo com o ontem, para programar o amanhã, sem isso; é caminhar na escuridão do terreno desconhecido e, certamente, cair nos despenhadeiros do caminho!)

## HISTÓRIA DE UMA FESTA

Maria Dolores

O palacete brilha. A agitação é imensa.  
Lâmpadas recordando opalas e rubis  
São postas no jardim para serem acesas,  
Orquídeas multiplicam-se nas mesas,  
É o natalício em luz da pequena Beatriz.  
Ela, o centro da festa, a bela pequenina,  
Naquele casarão feito em linhas austeras,  
Completava oito lindas primaveras.

Para todos aqueles que a cercavam,  
Era sempre gentil, generosa e suave,  
Um encanto de menina.  
O dia terminava, ante o sol inda quente,  
Entretanto, Beatriz,  
Muito embora gripada,  
Sentia-se feliz  
Na ideia de abraçar a muita gente...

A única filha do casal Garcia  
Parecia voar num sonho de alegria.  
De minuto a minuto, estava à porta grande,  
Fitava a rua, em vão, para todos os lados  
E perguntava-se, ansiosa,  
De onde estariam vindo os convidados.  
Quase que de improviso,  
Ela enxerga Marcela, armada de sacola,  
A menina descalça e maltrapilha,  
Que, às vezes, passa ali pedindo esmola

Para ajudar ao pai paralítico e só.  
Beatriz sente dó  
Da pequena vestida em trapos remendados  
E, abraçando-a, anuncia:  
- Vem comigo, Marcela, hoje é meu dia,  
Quero que comas do meu bolo.  
Mas, ao apresentá-la  
À senhora Garcia,  
Que parece manter-se de vigia,  
Nos adornos da sala,  
A filhinha acrescenta:  
- Mamãe, esta é Marcela,  
Que sempre vai ao nosso educandário,  
Tem o pai doente e espera o nosso auxílio,  
Peço a senhora dar a ela  
Um pedaço do bolo  
De meu aniversário.

A menina, porém, escuta em desconsolo,  
 A mãezinha dizer, séria e zangada:  
 - Por onde foi você  
 Buscar esta garota esfarrapada?  
 Nossa festa é de amigos,  
 Nossa casa não tem ligação com mendigos.  
 E fitando Marcela, a dama continua:  
 - Saia agora daqui, seu lugar é na rua...  
 A menina em andrajos sai correndo,  
 Mas Beatriz parada,  
 Sob choque tremendo,  
 Chora desconsolada...  
 - Filha, por que você conserva essa mania,  
 - Diz com severidade a senhora Garcia  
 De dar tanta atenção a crianças imundas?  
 Não mais me traga aqui pequenas vagabundas.  
 Pouco tempo depois, a festa começava...  
 Ante o bolo enfeitado e oito velas pequenas,  
 Vozes erguiam felicitações,  
 Irmanavam-se os votos e as canções,  
 E num painel de rosas e açucenas,  
 Uma orquestra vibrava...  
 Terminada, porém, a festa linda,  
 A família Garcia enfrenta o inesperado;  
 Nove horas da noite... Cedo ainda...  
 A pequena Beatriz havia piorado.  
 Tinha a cabeça em fogo, o corpo em febre alta...  
 O médico é chamado, investiga, examina  
 E conclui pela voz da medicina:  
 - Infelizmente, é o crupe... um monstro fulminante...  
 Vem a medicação. De instante para instante,  
 A doente piora, agita-se, delira  
 E pergunta à mamãe: - quem chama e se retira?  
 Ah! Mamãe, eu já sei quem expulsou Marcela,  
 Quero dar de meu bolo um pedacinho a ela...  
 Por que tenho, mamãe,  
 Tanta roupa guardada,  
 E Marcela anda assim esfarrapada?  
 Por que Deus não quis dar a ela, o que me deu?  
 A mãezinha, chorando, nada respondeu.  
 Mas Beatriz prossegue: - eu quero ver Marcela!...  
 Servidores da casa postos à procura  
 De favela em favela,  
 Não acharam sinal da pequena criatura...  
 Finda a noite, ao clarão do amanhecer,  
 Depois de rápida agonia,  
 Mal começava o novo dia,  
 A querida Beatriz, dantes contente e forte,  
 Desfaleceu, por fim, ante os braços da morte...  
 Ao ver a filha morta, a senhora Garcia  
 Gritou a soluçar:

**- Deus de Imensa Bondade,  
Eu sei que o teu amor me ampara e me perdoa...  
Clamando a própria dor, em desespero enorme,  
Vendo a filha na calma de quem dorme,  
Rogou-lhe a pobre mãe, a desfazer-se em pranto:  
- Filha de minha vida, meu encanto,  
Não te afastes de mim que te amo tanto...  
Eu quero ser humilde, ensina-me a ser boa  
Não me deixes no mal, volve do Mais Além,  
Guia a mim, tua mãe, na prática do bem!...  
Mas a meiga Beatriz, agora sem mais dor  
E sem dizer mais nada,  
Que pudesse afastar o pesado amargor  
Da mãezinha cansada,  
Estampou sobre a face um sorriso de amor.**

**(Apontamentos:**

**Quando o resultado da nossa insensibilidade ‘fere’ ao nosso orgulho e ao nosso egoísmo, quando verificamos a ‘impotência’ da nossa prepotência nos valores espirituais, nós corremos ‘verbalmente’ para o outro lado com pedidos corretos e promessas que rapidamente esqueceremos... Há milênios nós vimos fazendo assim e nos autoenganando, supondo que ‘nada’ ficará gravado no livro de nossa história, mas na espiritual fica!)**

## AMOR E PERDÃO

Maria Dolores

A Madalena fora ao túmulo querido  
Entre pedras de extremo desconforto...  
Levava flores para o Mestre morto,  
Tinha o peito magoado e enternecido.

O Sol reaparecia, resplendente,  
A névoa da manhã fundia-se no ar,  
Na dourada invasão das flamas do Nascente,  
Maria estava ali, unicamente,

A fim de estar a sós, recolher-se e chorar.  
A desfazer-se em pranto, ela arguia:  
- “Por que, por que Senhor?  
Tanta saudade e tanta dor?!...”

Toda a felicidade que eu sentia  
Jaz aqui sepultada...  
Transformou-se-me a vida em sombra e nada  
No ermo deste pouso derradeiro...”.

Nisso, ela viu alguém... Seria um jardineiro?  
Um zelador daquele campo santo?  
Mas tomada de espanto,  
Viu-se à frente do Mestre Nazareno,

O excelso benfeitor ressuscitado,  
A envolver-lhe de paz o coração cansado...  
Ela gritou: “Senhor!”.  
Ele disse: “Maria!”.

Ela era a expressão da perfeita alegria,  
Ele, o perfeito amor.  
Madalena ajoelhou-se e quis beijar-lhe os pés...  
- “Maria, por quem és” – explicou-se

“Não me toques, porquanto  
Não te esperava aqui neste recanto,  
E ainda não fui ao Pai revestir-me de luz...”.  
Maria, surpreendida,

Indagou em seguida:  
- “Senhor, onde estiveste?  
Em que jardim celeste  
Encontraste o descanso necessário,

Que vem de Deus, nos dons da paz completa?

**Perdoa-me, Senhor, a pergunta indiscreta,  
Dói-me, porém, pensar na angústia do Calvário,  
Revolto-me, padeço, mas não venço**

**A mágoa de lembrar-te o sacrifício imenso”.  
Mas Jesus respondeu:  
- “Não, Maria, não fui ainda ao Alto,  
Nem me elevei sequer um palmo à luz do firmamento,**

**Quem ama não consegue achar o Céu de um salto...  
Ao invés de subir aos Altos Resplendores,  
Desci, mas descí muito aos reinos inferiores...  
Despertando no túmulo, escutei**

**Os gritos da aflição de alguém que muito amei  
E que muito amo ainda...  
Embora visse Além, a Luz sempre mais linda,  
Sentia nesse alguém um amado companheiro,**

**Em crises de tristeza e de loucura...  
Fui à sombra abismal para a grande procura  
E ao reencontrá-lo amargurado e louco,  
A ponto de não mais me conhecer,**

**Demorei-me a afagá-lo e, pouco a pouco,  
Consegui que ele, enfim, pudesse adormecer...”.  
- “Senhor” – interrogou a Madalena  
“Quem é o amigo que te fez descer,**

**Antes de procurar a luz do Pai?”.  
Mas Jesus replicou, em voz clara e serena:  
- “Maria,  
Um amigo não esquece a dor de outro amigo que cai...**

**Antes de me altear à Celeste Alegria,  
Ao sol do mesmo amor a Deus, em que te enlevas,  
Vali-me, após a cruz, das grandes horas mudas,  
E descí para as trevas,  
A fim de aliviar a imensa dor de Judas”.**

**(Apontamentos:**

**Este é um ensino ‘terrível’ para aqueles que acreditam piamente na elevação de uns com o ‘esquecimento’ de outros irmãos! Como pode um Espírito ir para a ‘luz’ deixando seus irmãos na escuridão? Onde fica a fraternidade universal? Onde fica o amor, a bondade, a justiça divina? Precisamos estudar mais...)**

## **PRECE**

**Maria Dolores**

**Senhor Deus do Amor Eterno,  
Sabemos que nos renovas,  
Por meio das grandes provas  
Que abalam o coração;  
Por isso, não te rogamos  
Que nos retire da estrada,  
Quase sempre atribulada  
De acesso à renovação.**

**Estamos a suplicar-te  
Acréscimo de energia  
Nas lutas de cada dia  
E amparo libertador!...  
Necessitamos de força,  
Rogamos-te apoio amigo...  
Queremos viver contigo  
No reino do Eterno Amor.**

**(Apontamentos:**

**Quando entendemos a verdadeira justiça divina e a destinação espiritual, não nos faltará disposição e nem ajuda para suplantarmos quaisquer dificuldades que surjam no nosso caminho!)**

## UM RETRATO DO ABORTO

Maria Dolores

Perita auxiliar de ginecologia,  
Sempre atenta às questões de luxo e reconforto,  
A senhora dizia:  
- Meu problema não é a prática do aborto,  
Tento apenas livrar a mulher desprezada,  
Dos desgostos fatais que a esperam na estrada

Quando o homem lhe fere o brio feminino...  
Amigos respondiam:  
- Mas, no caso, a mulher, ante as leis do destino,  
Não será responsável quando aceita  
Ser mulher-mãe do filho que carrega?  
Se ao homem que a buscou ela própria se entrega?

Sabemos que o Espírito enlaça o corpo de que se aproveita  
Quando estão, ele e ela, em comunhão perfeita.  
A senhora, entretanto, falava, contrafeita:  
- Não protesto, nem digo que estou certa,  
Sei apenas que estou em minha profissão,  
Tanto quanto angario apreço e estimação,

Creio que faço o bem, liberando a mulher  
Do fardo que ela traz quando não quer;  
Além do mais, preciso do dinheiro  
Para dar a minha filha a um caminho seguro,  
Uma bela mansão, um marido e o futuro  
Sem aflição e sem dificuldade...

Ela agora possui quinze anos completos;  
Sonho vê-la feliz ao dar-me vários netos...  
Para isso, o dinheiro é a base inesquecível,  
Depósito bancário é melhora de nível.  
Vejo no meu trabalho um trabalho qualquer  
Simples mulher que ajuda a uma outra mulher,

Não tenho hesitação, nem penso quanto a isso,  
Aborto é proteção a quem presto serviço;  
Desde que a candidata chegue mascarada,  
Passo a cumprir o meu dever  
E não quero saber  
Se veio acompanhada ou desacompanhada,

Se anota o nome ou não,  
Não quero queixa, nem complicação,  
Cada uma a que atendo é mais seis mil!...  
E aditava, esboçando um sorriso gentil:



- Preciso de milhões...  
 Desdobrava-se o tempo, hora por hora,  
 Quando em chuvosa noite surge uma senhora,  
 Pagando a taxa de seis mil cruzeiros.  
 Ela explica que trouxe uma sobrinha pobre  
 Para comprar a intervenção...  
 Declara-se parente e mostra-se incumbida  
 De socorrer a moça e dar-lhe proteção,  
 Quer mantê-la, porém, desconhecida...  
 A senhora ouve, calma, e concorda em seguida:  
 - Entendo, claramente,  
 Cada pessoa está em sua própria vida...  
 Entra no gabinete a jovem mascarada,  
 Parece muda e surda que se entrega  
 A uma força terrível, dura e cega...  
 Ao ver-lhe o corpo verde de menina,  
 A senhora em ação  
 Elogia-lhe a pele alabastrina;  
 Mas, aparentemente sem razão,  
 Quando o chamado auxílio estava em meio,  
 Estranha hemorragia surge em cheio...  
 A jovem geme, a parteira entra em luta...  
 Nada consegue... O sangue explode e vence-a  
 A dama ao telefone roga a um médico amigo  
 Que lhe venha em socorro...  
 Vê a moça em perigo,  
 Quer salvar-lhe a existência,  
 Mas o sangue que sai prossegue a jorro...  
 Chega o médico à pressa,  
 Nota a menina em coma...  
 - Nada mais a fazer – diz ele quando a toma,  
 A fim de examinar-lhe o pulso e, logo após,  
 Diz à parteira aflita:  
 - É uma jovem bonita,  
 Liberemos a face, enquanto estamos sós.  
 Ele mesmo retira a máscara em veludo  
 Quer anotar-lhe o rosto para estudo...  
 Eis, porém, que aparece  
 A mocinha, a morrer, num sorriso tristonho,  
 Qual criança que dorme a fitar a luz do último sonho...  
 Mas ao ver-lhe, de todo, a face em primavera,  
 Grita a pobre senhora em gemidos de fera:  
 - Por que? Por que, meu Deus, esta dor que me mata?  
 Em pranto convulsivo a dor se lhe desata...  
 É que, ao fitar o corpo enfeitado em rendilha,  
 Naquele rosto lindo e pálido, ante a morte,  
 A rugir e a chorar sem nada que a conforte,  
 A senhora encontrara a sua própria filha.

(Apontamentos:

A Doutrina dos Espíritos explica corretamente essas situações, que se renovam nos tempos, mas que não nos damos ao trabalho de aprender e ‘respeitar’! Entender as ‘razões’ é conhecer a perfeita justiça divina!)

## CAMINHO DA ELEVAÇÃO

**Maria Dolores**

**Se aspirar a servir, alma querida,  
Não deixes de aprender, ante as lições da vida.  
Lenha para expulsar o frio que há lá fora,  
Converte-se na chama que a devora.**

**Ouro para vencer em prestígio e valor,  
Sofre a depuração, sublimado em calor.  
Para chegar de longe, e atender-nos, de todo,  
Muita fonte atravessa imensidões de lodo.**

**Tronco para formar refúgio organizado,  
Padece a intromissão da serra e do machado.  
Se procuras também, a benção de elevar-te,  
Esquece-te amparando o mundo em qualquer parte.**

**Quem procure por Deus aceite por dever  
Trabalhar e servir, suportar e esquecer.**

**(Apontamentos:**

**Sim! Até as palavras são corretas. Nós ‘devemos’, mas não somos ‘obrigados’ a trabalhar e servir, suportar e esquecer, porém os resultados somente são conseguidos pelo cumprimento dos nossos ‘deveres’!)**

## CANTIGA DA REENCARNAÇÃO

Maria Dolores

Um homem agonizava, mas embora  
 Não pudesse expressar palavra alguma,  
 Na sombra interior que o desarvora,  
 Pede em silencio ao corpo:  
 - “Ampara-me, por Deus!  
 Eu não quero morrer, ajuda, corpo amigo,  
 Não te quero deixar, preciso estar contigo,  
 Sem ti temo cair em abismos fatais...”  
 Era o apelo de instantes derradeiros  
 Naquele portador de moléstia obscura,  
 Que ainda não chegara aos cinquenta janeiros  
 E que tudo indicava  
 Estar descendo à morte prematura.  
 De consciência lúcida, lembrava  
 Em contrição sincera,  
 As forças que gastara, inutilmente,  
 As noites dos excessos de aguardente  
 E os abusos sem conta que fizera...  
 E, ante a morte a surgir, sempre mais perto,  
 Continua a rogar ao corpo enfraquecido:  
 - “Corpo que Deus me deu, não me deixes caído,  
 Quero mais tempo, a fim de preparar-me  
 Para aceitar sem medo e sem alarme,  
 A ideia de perder-te e entrar em rumo incerto”.  
 Entretanto,  
 De Espírito cansado,  
 A desfazer-se em pranto,  
 Nas vascas da agonia,  
 Ouviu a voz do corpo fatigado,  
 Que, por fim, lhe dizia:  
 “Escuta, meu amigo,  
 Eu sou teu servo e sei que és meu senhor,  
 Sempre te obedeci com desvelado amor,  
 Deus me criou para a missão  
 De atender-te em completa servidão.  
 Nunca me viste a desobedecer  
 As ordens que me destes  
 Fossem justas ou não,  
 Porquanto o meu dever  
 É o de servir-te sem reclamação.  
 Mas indaga de ti quantas vez me impuseste  
 Noitadas de prazer, ruinosas ou vazias,  
 Depredando-me as próprias energias  
 Que Deus me concedeu, em teu favor...  
 Embora eu te avisasse  
 Com a minha própria dor

Que o remorso produz tristeza e enfermidade,  
 Adquiriste, displicente,  
 Cargas de sombra sobre a própria mente,  
 Culpas e culpas sem necessidade...  
 Repito: sou teu servo e, em nada te condeno,  
 Mas demonstrando entendimento estreito,  
 Gastaste-me as reservas sem proveito,  
 Consumindo-me as forças,  
 A pedaços de abuso e a doses de veneno...  
 Dei-te tudo o que eu tinha,  
 Nada me resta agora,  
 Senão me recolher à derradeira hora,  
 Em que eu deva tornar, com segura presteza,  
 À recomposição da natureza!...”.  
 O homem ouviu o corpo em despedida,  
 Mas não tinha defesa  
 Contra os próprios desmandos, ante a vida...  
 No silêncio de mágoa indefinida,  
 Voltou-se para Deus em oração,  
 Pediu misericórdia, amparo e proteção,  
 E, ante o corpo que se lhe enrijecia,  
 Chorou o companheiro que perdia...  
 Longo tempo passou, em clima de amargura,  
 No entanto, ao se afundar em crises de loucura,  
 Fez-se-lhe a prece continuada,  
 Nos sofrimentos em que avança  
 Um clarão de esperança...  
 Tinha nódoas de culpa, em lágrimas sofria,  
 Mas, o Céu lhe apontava a luz de novo dia...  
 No íntimo, o Senhor o exortava somente  
 A regressar ao mundo e tentar novamente  
 Extinguir em si mesmo os males que trazia...  
 O Espírito em falência, exânime, inseguro  
 Pensou nas novas bênçãos do futuro,  
 Viu a reparação por justiça e dever,  
 E agradecendo aos Céus  
 Gritou feliz, livre, mas preso ao chão:  
 - “Glória a Deus pela benção de sofrer,  
 Glória a reencarnação que obterei um dia,  
 A fim de achar na dor a essência da alegria,  
 O Dom de trabalhar e a graça de nascer!”.

(Apontamentos:

A maioria de nós, Espíritos atrelados ao orbe terreno, passa por situações similares às descritas acima e, também, chora agradecendo a bênção de novo corpo físico, a reencarnação! Acordando na carne, esquecemo-nos das promessas e, reiteradamente, repisamos o mesmo caminho anterior, mas, um dia, a dor suplantará essa nossa comodidade e conformismo. Não seria melhor já ir aproveitando esta reencarnação?)

## ALMA DE ARTISTA

Maria Dolores

Deus te abençoe, alma querida e bela,  
 Na arte a que te dás por luz constantemente acesa  
 Para exaltar cultura e sentimento,  
 Aprimorando a Natureza.  
 Deus te engrandeça no ideal sublime  
 De usar gesto e palavra, rima e cor,  
 Ritmo e som, beleza e movimento,  
 Promovendo na Terra a construção do amor.  
 Deus te guie nas horas ensombradas,  
 Quando tudo pareça luta e prova,  
 Fazendo-se sentir que o sofrimento  
 É uma força do Céu que nos guarda e renova.  
 Quando a tristeza venha anuviar-te os dias,  
 Pensa que Deus criou, em toda parte,  
 A fim de iluminar os processos da vida,  
 As interpretações e as maravilhas da arte.  
 Ninhos e fontes cantam melodias,  
 Sem que possas medi-las ou entendê-las,  
 Fita a decoração dos montes e dos vales,  
 Brillham joias no chão, no céu bailam estrelas.  
 O firmamento é um palco em dimensões enormes,  
 Onde o arco-íris é uma prece em cores  
 E, margeando a estrada em que transitas,  
 O vento rege a dança mística das flores.  
 Alma querida, nunca desfaleças,  
 Por maior tua dor, alteia-te e mantém  
 A vocação de amar e de servir,  
 Na divina extensão da seara do bem.  
 Nas mais altas visões em que caminhas,  
 Que o teu sonho se eleve e amplamente ressoe!...  
 Alma de artista, gênio, luz, trabalho,  
 Deus te inspire e abençoe.

(Apontamentos:

O maior artista é aquele que, exprimindo as belezas do universo delas se utiliza em sua própria elevação espiritual! Normalmente os artistas são ‘médiuns’ intuitivos, introvertidos no exterior e extrovertidos interiormente; em viagens deslumbrantes necessárias ao seu evolutivo espiritual. Será que alguns deles entende assim?)

## AMOR MATERNO

Maria Dolores

Depois de zero hora. E a dama recordava  
O filho de quem fora venturosa escrava.  
No bairro, era o silêncio a dominar nas ruas...  
Quantas horas da noite? Um tanto, além das duas...  
E a senhora viúva, acostada no leito  
Lembrava o filho amado, o jovem belo e forte,  
Que o coração de mãe supusera perfeito,  
Cuja fuga de casa,  
Fora no pai amigo o motivo da morte.  
Vinte anos de ausência!... e ela refletia  
Em todo aquele tempo de agonia.  
O filho que criara, a beijos de ternura,  
De quem não descansava na procura,  
A quem nunca levava o mínimo desgosto,  
E a quem ela e marido haviam dado tudo,  
Dinheiro, ostentação, brilho e facilidades,  
Buscando adivinhar-lhe todas as vontades,  
Recusara o trabalho e renegara o estudo...  
Por fim, todo inclinado à cocaína,  
Desertou porque o pai tão somente o internasse  
Num colégio distinto em que se lhe evitasse  
A droga deprimente...  
Insone, calma e ativa,  
A memória se lhe aviva,  
E inacessível a calmantes,  
Rememora a tragédia de anos antes.  
O moço nunca mais voltara ao lar.  
Ralada por extremo desconforto,  
Logo após, ela vira o companheiro morto  
De saudades e pesar.  
Mudara-se de bairro e residência,  
Mas nada lhe alterara as lutas da existência.  
Vinte anos de pranto e de aflição  
Haviam feito dela  
Pobre mãe transformada em sentinela  
Da casa nobre e farta, à espera do rapaz,  
Que lhe arrasara a vida, a segurança e a paz,  
E que ela amava ainda...  
Mas enquanto pensava, ouve ruído leve.  
Escutou, escutou... Alguém de passo curto  
Estava em quarto próximo  
Certamente na prática do furto.  
Ao choque, ela chamou, em altos brados,  
A colaboração dos empregados,  
Mas o assaltante se aproxima,  
A valer-se da sombra em todo o espaço estreito;

Era um homem robusto a lhe cair por cima,  
 Cravando-lhe um punhal no velho peito.  
 Ergue-se um dos vigias,  
 Vem às pressas,  
 De longe, liga a luz...  
 Eis que o quarto se fez de todo iluminado  
 E o salteador não foge,  
 Sente-se preso à mão que se lhe estende,  
 Contempla a vítima que o fita,  
 Num transporte de amor com ternura infinita...  
 Reconhece o semblante maternal  
 E a desfazer-se em pranto,  
 Ajoelha-se e grita: - “Mãe querida,  
 Por que cheguei a tanto,  
 A tanto crime e a tanto mal,  
 A ponto de acabar com a sua própria vida?...”.  
 A dama retirou a lâmina cravada  
 - Doloroso empecilho -  
 O sangue gotejou da ferida formada,  
 E, em seguida, exclamou: - “Ah! Meu filho, meu filho!...  
 Que saudades de ti, quanta saudade,  
 O tempo parecia a eternidade!...”.  
 Entretanto, o vigia invadiu o aposento,  
 Vendo um homem chorando e a dama em sofrimento,  
 Quis gritar reagir, austero e humano,  
 Mas a senhora diz: - “Ouça, Germano,  
 Meu filho regressou, venha conhecê-lo...  
 Na precipitação de meu antigo zelo,  
 Feri-me por engano...  
 Cai sobre o punhal que eu trazia no seio,  
 No entanto, estou feliz... Olhe!... Meu filho veio...  
 Dê-lhe as chaves da casa,  
 Tudo o que tenho é dele, a minha própria vida...”.  
 E conservando a mão sobre a parte ferida,  
 Rogou ao servidor:  
 - “Chame o médico amigo,  
 Transmita a ele tudo o que lhe digo  
 E explique este acidente...  
 Meu filhinho chegou tão de repente  
 Para fazer-me esta surpresa,  
 Que caí no punhal em que eu mantinha  
 Ou supunha manter minha própria defesa...  
 Estou feliz, Germano, mas agora...”.  
 O servidor gritou: - “Ah! Não morra, senhora!...”.  
 Entretanto, mais fraca e mais cansada,  
 A dama ainda falou, muito pálida e triste:  
 - “Germano, ajude agora ao meu rapaz  
 Compreendo que estou chegando ao fim,  
 Sê a ele fiel,  
 Dê a ele o respeito, a estima e a bondade  
 Que você sempre deu a mim...”.

**O filho ajoelhou-se, em pranto comovente,  
E clamava, ao beijá-la, ansiosamente,  
- “Mãe, perdoa-me e vive, mãe querida!...”.**  
**Entremostrando o anseio de falar,  
Ela, porém, lhe deu o último olhar,  
Deu-se, de todo, a isso, fez-se forte  
E descansou, por fim, dizendo, ao entregar-se à morte:  
- “Louvado seja Deus!... Deus te abençoe, meu filho!...”.**

**(Apontamentos:**

**Esse tipo de ‘sacrifício’, muito comum no mundo, não tem qualquer justificativa terrena que o explique. O ‘emotivo’ maternal ou paternal somente encontra justificativa em dois pilares de valor espiritual; reajustes necessários e estado altamente ‘emotivo’ desta etapa evolutiva espiritual. Logo mais, em algum tempo, não mais veremos essas ‘trágicas’ passagens dos reajustes...)**



## CANÇÃO DA FÉ

Maria Dolores

Se a tua fé não vê ou ainda não viu  
 A presença da lágrima ou do espinho  
 Para vencer nos lances do caminho,  
 Os perigos da marcha e as surpresas da treva.  
 Se a tua fé não ouve ou ainda não ouviu,  
 Entre as flores que leva  
 Desde o berço da crença até agora,  
 O insulto em que a maldade se avigora,  
 A fim de que lhe dê,  
 Outra vez e outra vez,  
 O apoio da paciência e a lição da bondade...  
 Se a tua fé não encontrou ainda  
 Algo que a desagrade,  
 Na tarefa bem-vinda  
 Que te impele a servir ao amor e à verdade.  
 Se a tua fé não teve ou ainda não tem  
 Ofensas a perdoar e injúrias a esquecer,  
 No sublime dever  
 De amparar, socorrer ou levantar alguém...  
 Se enfim, a tua fé não conheceu  
 Angústia ou desabrigo,  
 Se ela não sofre ou ainda não sofreu  
 Golpes do orgulho vão,  
 Escárnio, desafio, tentação,  
 Para que aprendas, coração amigo,  
 Resistência e humildade,  
 A tua fé, portanto,  
 Não passa, por enquanto,  
 De um sonho que não veio à realidade!...  
 Porque a fé verdadeira  
 Que redime e renova a Humanidade,  
 E vale, em tudo para a vida inteira,  
 A fé que tanto ama e anda de rastros  
 Quanto vibra e se eleva para os astros,  
 Fé valente e profunda,  
 Que inspira, exemplifica, ergue e fecunda,  
 Será sempre obtida na batalha,  
 Na Terra ou Mais Além,  
 No coração que luta ou se estraçalha  
 Para a glória do Bem.

(Apontamentos:

Aqui a irmã Maria Dolores nos apresenta a fé insensível! Portanto, não é fé! Não foi colocada em ação junto a qualquer companhia de jornada evolutiva espiritual. Somente na ação, nos trabalhos, que realizamos para nossos irmãos, com suas reações positivas e negativas, é que estaremos forjando a verdadeira fé.)

## HISTÓRIA DE UM CÃO

Maria Dolores

Falávamos de amor, de heroísmo e ternura,  
Nos caminhos da Terra, em lutas naturais,  
Quando um amigo lembrou: “não se deve esquecer  
O amor dos animais”.  
E contou comovido:  
- Quando na Terra, um pobre cão rafeiro  
Que eu nunca soube de onde vinha,  
Fez-se meu companheiro  
Na tapera isolada que eu mantinha.  
Era um cão vagabundo, um desses cães,  
Cujo medo de banho desconsola,  
Vendo-lhe a boca enorme e as bochechas caídas,  
As crianças chamavam-no Beißola.  
Bernento e preguiçoso, muitas vezes,  
Procurei desterrá-lo,  
Mas Beißola voltava e me seguia  
Estivesse eu a pé ou trotando a cavalo.  
Já não sabia o que fazer do cão,  
Que já me habituara a suportar  
Num misto de amizade e de aversão.  
Certa manhã de Sábado, eu devia,  
Ir do campo à cidade,  
A fim de resgatar antiga conta  
Cujo prazo vencia.  
Montei no meu pequirá muito cedo  
De merenda robusta na sacola,  
E pus-me alegremente no caminho  
Acompanhado por Beißola.  
Desmontei-me às dez horas para o almoço,  
Transportando a merenda para baixo,  
Ao pé de velha ponte que cobria  
Um pequeno riacho...  
Alimentei-me à farta e dei ao cão  
Tudo que me sobrou da refeição...  
Tomei de novo a montaria  
Açoitei o animal para seguir depressa,  
O débito a pagar daquele dia,  
Mas uma cena estranha então começa.  
Beißola, de ordinário, pachorrento,  
Intentava correr, de lado a lado,  
Em uivos e latidos...  
Depois correu à frente,  
Como a querer parar o pequirá assustado.  
O cão dependurava-se nos freios,  
Enquanto eu lhe gritava nomes feios;  
Espanquei-o a chicote, mas em vão...

E cansado de vê-lo a pular, doidamente,  
Concluir, de repente,  
Que a doença da raiva atacara meu cão...  
Agi sem medo, rápido e seguro,  
Dei-lhe um tiro com o fim de eliminá-lo,  
De modo a defender-me e a livrar meu cavalo.  
Beißola então soltou doloroso gemido,  
Caminhou para trás, claramente ferido,  
Enquanto fui em frente...  
Mas atingindo o banco e buscando o gerente,  
A fim de resgatar a minha conta inteira,  
Debalde procurei minha carteira...  
No assombro que me toma,  
Notei que me faltava grande soma...  
Decerto que perdera o dinheiro em caminho  
Pois saíra com ele da fazenda...  
Deliberei voltar ao local da merenda,  
Pedi ao chefe amigo aguardar mais um pouco  
E aflito, semilouco,  
Remontei o cavalo e voltei de corrida...  
Regressando ao lugar em que estivera...  
E o amigo rematou, emocionado:  
- Só então compreendi quão ingrato que eu era...  
Sabem o que encontrei?  
Após seguir pequeno espaço  
Todo ele marcado em sangue, traço a traço,  
Achei Beißola já sem vida...  
E ao arrastá-lo para um canto,  
Vi, sob o corpo dele, a estremecer de espanto,  
A carteira perdida...  
Ah! Como me doeu o coração  
De susto e de emoção!...  
Não sei dizer tudo o que sinto,  
Por muito que lhes conte,  
Meu pobre cão rafeiro,  
Cuja lembrança está sempre comigo,  
Arrastou-se ferido e, após ganhar a ponte,  
Morreu fiel e amigo,  
Guardando o meu dinheiro.

(Apontamentos:

Um ser irracional dando lições, com a própria vida, ao dito ser racional superior...)

## A MENSAGEM DA ROCHA

Maria Dolores

O homem caído em fundo desalento,  
Perante imensa dor, cruelmente sofrida,  
Fora ao topo da rocha, a passo triste e lento,  
Desejando escapar às lágrimas da vida.  
Sentia-se cansado, em abalo profundo,  
E queria fugir, ante as provas do mundo...

Mais de trezentos metros... E atingira  
O ápice da altura  
De que estava à procura  
Para a queda fatal;  
Mas enquanto antevia o momento final, fitando enorme abismo,  
A esperá-lo em silêncio,

Quando brando torpor lhe invade o corpo e vence-o  
Surge-lhe a indecisão, lamenta-se, medita,  
Quando escuta assombrado,  
De alma tremente e aflita,  
A voz da própria rocha,  
Cujo penhasco, em cima, erguia-se-lhe ao lado:

- Para, ouve e reflete, meu amigo,  
Não te mates em vão,  
Por mais te fira a provação  
Não olvides que Deus está contigo.  
O sofrimento é vida que te apruma,  
Não acharás a morte, em parte alguma...

Declaras-te infeliz, tens o peito magoado,  
Afirmas que ninguém te dá valor,  
Que não passas de um ser estranho e sofredor,  
A morrer de amargura e desagrado;  
Por maior seja a angústia em que te expresses,  
Tens contigo a razão por Dom divino,

Podes modificar o teu próprio destino,  
Quanto a mim, tal qual sou, não sei se me conheces...  
Sou a rocha esquecida  
Que deve sustentar os processos da vida...  
Calço os leitos dos mares,  
Carrego a Terra toda em total disciplina,  
Aceito sem queixar-me a lei que me domina,

Não sei se o meu trabalho é singelo ou de vulto,  
Sei, porém, que na esteira das idades,  
Suporto sobre mim os campos e as cidades

Sem que ninguém me anote o esforço oculto...  
 Sou o piso dos rios e das fontes,  
 Protejo entre os arados e os tratores,  
 Desde o vale mais baixo à eminência dos montes,  
 O cultivo dos frutos e das flores.  
 Devo, porém, dizer-te que, além, disso,  
 Desde as eras passadas,  
 Sempre sofri com rudes marteladas...  
 Picaretas, formões e outros instrumentos  
 Arrebatam-me a forma, entre golpes violentos;  
 Aos que me espancam devo abrir os braços  
 A fim de que me arranquem aos pedaços.  
 Os homens que me buscam  
 Ferem-me sem cessar com lâminas e limas,  
 Fazem comigo casas e obras-primas,  
 Não se lembram, porém, na agressão que me alcança,  
 Que Deus, em mim, lhes guarda a vida e a segurança...  
 Agora, em minha dor, por mais gema e mais grite,  
 Estraçalham-me o corpo a dinamite.  
 Mas em nada lastimo as lutas que confesso,  
 Busco servir a Deus que me fez tal qual sou,  
 Para guardar o mundo e estender o progresso.  
 Sou em minha aspereza,  
 Por determinação da natureza,  
 Alto poder vencido,  
 Mas Deus que é tudo em todos sempre foi  
 O Anônimo Esquecido...  
 Depois de longa pausa, a rocha ainda lhe diz:  
 - Vive, trabalha, sofre, aprende, luta,  
 Não olvides que Deus te acompanha e te escuta,  
 Nem te esqueças que podes ser feliz.  
 O homem desanimado transformou-se,  
 Abraçado ao penhasco, ele, o quase suicida,  
 Suplicou a chorar: - Perdoa-me, Senhor!  
 Ouvi a voz da pedra... Agora entendo a dor  
 A fim de compreender a grandeza da vida.  
 E erguendo para o Alto os braços seus,  
 Traduzindo a alegria em pranto ardente,  
 Exclamou, reverente:  
 - Obrigado, meu Deus!

**(Apontamentos:**

Nós dificilmente observamos o trabalho equilibrado da natureza universal. Que é que criou tudo que conhecemos e desconhecemos? Nada disso importa, pois o 'meu' calo é que está doendo!)

## TEMPO E VIDA

Maria Dolores

Depois da morte é que vemos,  
 Quando a luz se nos revela,  
 Quanta sombra e bagatela  
 Guardamos no coração.  
 Quantos lamentos inúteis  
 Complicavam-nos a vida,  
 Quanta palavra perdida,  
 Quanto tempo gasto em vão!...  
 Quantas horas desprezadas,  
 De Espírito desatento  
 Nos enganamos de um momento  
 Que o próprio tempo desfaz!  
 Quanta contenda improficua,  
 Quanto disfarce no rosto  
 Que se transforma em desgosto  
 Furtando a esperança e a paz.  
 Alma querida, não creias  
 Seja a morte o fim de tudo,  
 O tempo – esse sábio mudo -  
 Concede-nos voz e vez,  
 Acompanha-nos o passo,  
 Age, segundo a segundo,  
 E nos conhece o mundo  
 Tudo aquilo que se fez.  
 Ama, esclarece, abençoa,  
 Sofre e luta, mas não temas,  
 Ninguém vive sem problemas,  
 Onde estiver e onde for;  
 Vida é lavoura perfeita,  
 Morte é o braço que a preserva,  
 Que só replanta ou conserva  
 O que se faz por amor.

(Apontamentos:

O tempo! Ah! O tempo... O que sabemos sobre o tempo? Sabemos sobre segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, séculos, milênios etc., mas o que esse tempo representa perante a eternidade? Nunca devemos relacionar o tempo 'terreno' com o tempo 'espiritual', pois um é apenas referência 'geográfica' e o outro é, para nós, ainda incompreensível! Não percamos o nosso tempo terreno, pois a eternidade espiritual está presente...)

## PATERNO AMOR

Maria Dolores

Na entrada do asilo,  
 Um homem robusto, jovem e tranquilo,  
 Apresentava o pai, um velho que contava  
 Oitenta e dois janeiros de existência,  
 À funcionária atenta que o ouvia...  
 Após sentá-lo num pequeno banco,  
 Falou à moça em tom seguro e franco:  
 - “O velho já não sabe o que pensa ou o que diz,  
 A gritar e a gemer de exigência à exigência,  
 Formou de minha casa  
 Um recanto infeliz,  
 Cujo clima de luta é fogo que me arrasa.  
 Não quero ver meu filho  
 Crescendo com o avô inconveniente,  
 Quero-lhe a internação  
 De modo permanente.  
 Quanto custa a pensão?”.  
 A moça respondeu indiferente:  
 - “A pensão é de quatro mil cruzeiros  
 A serem pagos mensalmente”.  
 O senhor fez o cheque  
 Fazendo o pagamento da quantia  
 E depois de informar que voltaria,  
 Foi-se ao pai fatigado, explicando ao velhinho:  
 - “Meu pai, aqui é a nossa casa de descanso  
 Terás aqui mais sossego e carinho,  
 Ao voltarmos da Europa  
 Virei buscar-te, imediatamente”.  
 O pranto deslizou sobre a face enrugada  
 E o velho respondeu em voz tremente:  
 - “O que será, meu Deus? Que medonho empecilho!...  
 Estar aqui a sós, sem te encontrar, meu filho!...  
 E como aguentarei a falta de meu neto?  
 Não queria afastar-me de meu teto!...  
 Peço por Deus!... Não te demores  
 E vem logo buscar-me...”.  
 O filho replicou, quase asperamente:  
 - “Sem dúvida, meu pai, que podes esperar-me,  
 Mas não faças alarme...  
 Nada fará de mim um filho diferente;  
 Creio que ao fim do mês que vem,  
 Regressarei como convêm...”.  
 Mas o moço partiu e nunca mais voltou,  
 E ante a expressão do velho, triste e amarga,  
 Notava-se que o filho ali se despedira  
 Como quem se desliga de uma carga,

Agindo alegremente.  
 O velhinho viveu por lá, três anos,  
 De saudade, de dor e desenganos  
 A esperar pelo filho desertor;  
 A fadiga alterara-lhe a memória,  
 Não sabia contar a própria história,  
 Declarava-se um rico possuidor  
 De terras e fazendas produtivas,  
 Mas entregara tudo ao filho sem amor  
 Numa procuração,  
 Sem julgá-lo capaz de alguma ingratidão,  
 E embora o filho lhe pagasse o asilo,  
 Sem questionar o preço,  
 Não lhe enviava notas de endereço...  
 Após trinta e seis meses de clausura,  
 O velhinho ralado de amargura,  
 Morreu clamando a falta da família...  
 O cadáver desceu à vala da indignação,  
 Por fim se lhe acabara a penosa existência.  
 Mas o tempo não para em parte alguma...  
 Quarenta anos passados,  
 De coração batido e passos retardados,  
 O homem que internara o esquecido velhinho,  
 Nota que a morte chega a cercar-lhe o caminho,  
 Poderoso senhor, não consegue expressar-se  
 Sob qualquer disfarce,  
 Tomba, inerte, no leito,  
 E ante o infortúnio da separação,  
 Grita por Deus, quer vida e proteção,  
 Mas a morte o reclama... o corpo se lhe esfria...  
 Vê-se desencarnado, em noite atroz,  
 Terrível e sombria...  
 Chora quase sem voz,  
 Quando sente que alguém lhe toma o cérebro cansado,  
 E lhe diz brandamente:  
 - “Filho do coração, não te aflijas, nem temas,  
 Acabaram-se agora os teus problemas;  
 Confia em Deus, não percas a esperança,  
 Acalma-te e descansa...”.  
 E beijando-lhe os cabelos,  
 Dedos mostrando carinhosos zelos,  
 Exclamou com ternura:  
 - “Agora, sim, achei minha ventura,  
 Eu sou teu pai!... Meu filho, estou aqui...  
 Amo-te agora, mais do que te amava,  
 E só Deus sabe a dor com que eu chorava  
 Com saudades de ti!...”.

**(Apontamentos:**

Como não acreditamos na vida espiritual ativa, não cremos nas posteriores ‘cobranças’! A página da irmã Maria Dolores nos apresenta um doloroso reencontro... Um Espírito que já chegou ao amor, o pai, acolhe um



**irmão espiritual, o filho, que ainda não atingiu esse nível espiritual. Não há ódio, só o amor, pelo 'pai', mas o 'filho'...)**

## ENCONTRO DA FÉ

Maria Dolores

**Busquei a Natureza procurando  
Definições da Fé para que, enfim, pudesse  
Reter comigo a força da esperança  
E compreender, de todo, a mensagem da prece.**

**Fiz a pergunta ao Mar e o Mar me disse:  
- Em Deus, deponho a minha própria fé,  
Mas devo criar vida e equilibrar o mundo,  
Desde a treva abissal à fúria da maré.**

**A Árvore me explicou: a Deus me entrego,  
O Grande Deus do Eterno e Sumo Bem,  
Muito embora, no entanto, apedrejada  
Devo servir sem perguntar a quem...**

**A Fonte esclareceu: em Deus me guardo,  
Pai da Beneficência e do Progresso,  
Compete-me, porém, suportar pedra e lodo,  
Ao fecundar o campo que atravesso.**

**A Roseira falou: pertenço a Deus,  
Que me criou na luz de dons renovadores,  
Mas, mesmo ao corte que me desfigura,  
Não posso me queixar de quem me leva as flores.**

**Então pensei: a Fé persiste e vence,  
Do Espírito mais nobre aos mais plebeus,  
No coração que serve, age e confia,  
Sempre a espalhar amor no amor de Deus.**

**(Apontamentos:**

**A natureza, seja a que nós denominamos ‘morta’ ou ‘instintiva’, nos mostra a ‘obrigação’ de servir... Nós Espíritos, seres ‘inteligentes’ do Criador, ainda não conseguimos entender o movimento da eterna criação e, assim sendo, nos desculpamos dizendo: o humano não é ‘obrigado’ a nada...)**

## O CULPADO VÊ CULPAS

Maria Dolores

Ele, bonacheirão, era amigo de farras,  
Tinha esposa, dois filhos, compromissos,  
Entretanto, apesar dessas amarras,  
Prazeres para ele eram doces feitiços.

Homem robusto e rico sustentava,  
Companheiras diversas de alegria,  
Qual senhor que somente as percebia  
De escrava para escrava.

Em certa ocasião,  
O nosso cavalheiro,  
Dava-se por inteiro  
A certo festival de comemorações,

Em cerimônias desdobradas...  
Brotavam nas estradas  
Palavras e atitudes estragadas,  
Era quase a loucura em muita gente...

Dois dias com três noites  
De fogos de artifício em céu luzente,  
E o nosso amigo usava, instante a instante,  
O tempo disponível,

Sem se importar, sequer, com mudanças de nível,  
E aparecia sempre acompanhado  
Por uma das parceiras  
Que trazia de lado...

Por fim, depois de longas bebedeiras,  
E de extravio deprimente,  
Ei-lo, de volta ao lar, dentro da noite alta...  
Era a terceira noite em que estivera ausente

Entretanto,  
Não se sentia em falta...  
A esposa era a esposa, a mulher diferente,  
Que devia viver, atirada num canto,

Sem direito nenhum de reclamar,  
Porque sempre dispunha  
Do que fosse preciso para o lar.  
Ele destranca a porta, de mansinho,

Pé ante pé, segue devagarzinho

**Para o aposento conjugal...  
Mas, avançando, vê que a esposa se debruça  
Nos ombros de outro homem,**

**- Um homem que lhe afaga a cabeleira espessa...  
Ele sente-se mal  
Nas ideias sombrias que o consomem,  
O incêndio do ciúme invade-lhe a cabeça,**

**Saca de bolso oculto um revolver pequeno  
E atira sobre os dois, qual se estivesse louco,  
Sob a ação de algum veneno...  
O homem tomba morto, após giro instantâneo,**

**A bala lhe arrasara os recessos do crânio...  
A senhora, porém, está ferida...  
O marido aproxima-se, interroga,  
Ela, contudo, vê que se lhe esvai a vida,**

**Perdendo o próprio sangue a lhe vazar do peito;  
Tenta, em vão, expressar-se e não encontra o jeito...  
Mas colocando as mãos, de balde, sobre o corte  
Ela fita no esposo o triste olhar da morte**

**E responde somente,  
Como quem se revela muito dificilmente,  
Ao morrer, em seguida a prolongado “ai!”  
- O homem que você achou comigo  
É mais que amigo,  
Era o seu próprio pai.**

**(Apontamentos:**

**Quando os instintos materiais dominam as atividades do humano, certamente o final é lamentável! Estamos numa etapa evolutiva espiritual ainda muito animalésca, mas nunca devemos deixar que animalidades dominem a nossa caminhada...)**

## LEGENDA SUBLIME

**Maria Dolores**

**Alma querida, na Terra,  
Se alguma prova te alcança,  
Não te percas de esperança,  
- Luz da fé sempre a brilhar...**

**Nas crises mais dolorosas,  
feitas de dores extremas,  
Nunca te aflijas. Não temas,  
Nem deixes de confiar.**

**Se o pessimismo aparece,  
Mostrando trevas e males,  
Nada comentes, nem fales  
Fora da crença no Bem;**

**Pensa em Deus, lembrando o Sol  
Que, em tudo, acalenta a vida,  
Do sábio à erva escondida,  
Sem menosprezar a ninguém.**

**Nas mágoas, nos desenganos,  
Nos desgostos, nas doenças,  
Nas horas duras ou tensas,  
Em que te dás ao dever;**

**Na menor tribulação,  
Muito mais que se imagina  
A Providência Divina  
É luz a te socorrer.**

**Se sofres, não esmoreças,  
Trabalha e serve, alma boa,  
Seja onde for, abençoa  
Ao lutar em derredor;**

**Na alegria ou no infortúnio,  
Guarda na fé que te anime  
Esta legenda sublime:  
- Deus nos dá sempre o melhor.**

**(Apontamentos:**

Quando conseguimos entender e, gradativamente, confiar na excelsa justiça divina, todos os horizontes se tornam claros e perfeitos!)

## JUSTIÇA

Maria Dolores

Este episódio aconteceu, há tempos,  
 E está guardado na memória  
 De quantos compartilham desta história.  
 Um condenado à morte pela força  
 Acusado de um crime,  
 Sem proteção a que se arrime,

Tudo aceitou sem reclamar.  
 A hora da execução chegara, enfim...  
 Muita gente na praça se adensava  
 No intuito de aplaudir  
 A presença da morte, em estranho festim.  
 Explodiam na tarde clara e quente  
 Estas palavras de clamor:

- “Morte ao bandido!... Morte ao matador!...”.  
 O prisioneiro chega e encontra o sacerdote  
 Que o seguirá na cena derradeira...  
 Em torno, a multidão  
 Gritava rumorosa e galhofeira...  
 Mas entre o padre e o réu se estabelece  
 A conversa ligeira  
 Que o povo crê, no fundo, condensar  
 O amparo de um conselho e a benção de uma prece  
 Que o ministro de Deus promove com pesar.  
 - “Filho – diz o pastor – sei que estais inocente,  
 Posso agora dizer a verdade,  
 Questão de consciência e lealdade  
 Que preciso estender a toda gente...”.  
 - “Padre, como sabeis?”.  
 - Interrogou ansioso o réu aflito –  
 “Se estou no fim, segundo as nossa leis?”.  
 O sacerdote amigo  
 Aconchegou-se mais ao penitente  
 E lhe falou, paternalmente:  
 - “Na semana passada,  
 Ouvi a confissão inesperada  
 Do homicida infeliz...  
 Ele morreu comigo, após contar-me  
 Calculando as palavras, uma a uma,  
 Que não tendes culpa alguma...  
 No derradeiro alento,  
 Cansado de remorso e sofrimento,  
 Pediu-me vos livrasse, ante as autoridades,  
 Documentadamente,  
 Porquanto, ele somente

É o responsável pelo crime  
Que vos foi imputado injustamente,  
E devo executar-lhe as últimas vontades”.  
No entanto, o sentenciado  
Estampando na face uma expressão de horror,  
Disse, em tom abafado:  
- “Padre amigo,  
Nesse crime, não fui o matador;  
Quanto a isto, já sei,  
Mas deixai que se cumpra a exigência da lei”.  
E, fitando o pastor, de modo inesquecível,  
Rematou, afinal:  
- “A justiça é de Deus e o remorso é terrível...  
Recordai vosso irmão assassinado,  
Há quase cinco anos,  
Por entre espancamentos desumanos?  
O rapaz despojado  
Da fortuna de um banco que trazia?  
Aquele vosso irmão que amáveis tanto,  
Pelo qual vossa mãe morreu de saudade e de pranto,  
Cuja morte no mundo  
Permanece envolvida em mistério profundo?  
O sacerdote ouvira, trêmulo e assombrado  
Mas nada respondeu...  
Após comprida pausa, disse o condenado:  
- “O assassino fui eu...  
Não me livreis da força a que me entrego,  
Já não aguento mais a culpa que carrego...”.  
Pálido, o sacerdote  
Exclamou, fatigado:  
- “Para mim, já não sois o sentenciado,  
Sois também nosso irmão,  
Mereceis nosso amor,  
Em nome do Senhor,  
Estais vós perdoado...”.  
Mas, nisso, a multidão  
Crendo haver terminado aquele entendimento,  
Que lembrava um diálogo discreto,  
Avançou sobre o preso, em tumulto completo...  
Não houve qualquer tempo  
Para maior explicação.  
Aos gritos delirantes  
De “morte ao matador”,  
Sob a guarda robusta  
Que tomara feitiço protetor,  
O infeliz a tremer, triste e descalço,  
Subiu ao cadafalso...  
Alguns momentos mais,  
E o corpo entremostrando angústia indefinida,  
Balançava sem vida.  
E, na turba, a gritar, perante a horrível cena,

**Entre vaias finais e assovios plebeus,  
O sacerdote em pranto,  
Sem que o povo lhe ouvisse a palavra serena,  
Murmurava, sozinho, em pequeno recanto:  
- “A justiça é de Deus... A justiça é de Deus...”.**

**(Apontamentos:**

A justiça divina é ou não é perfeita? Quando analisamos a justiça divina pela unicidade da encarnação, ela não encontrará justificativa na maioria dos casos, então jogamos para lá a frase: ‘Mas Deus fará justiça!’. Deus corrigirá as nossas injustiças? Não será mais racional a reencarnação que permitirá o reajuste das ‘injustiças’? Nosso orgulho e egoísmo ainda é fator de cegueira...)



## INDULGÊNCIA E NÓS

Maria Dolores

**Quando ofensas te visitem  
Não revides, alma boa,  
Ama, trabalha, perdoa,  
Não penses mal de ninguém;  
A pessoa humilha e fere  
Quando não sabe o que custa  
Fugir à lei nobre e justa  
Com que Deus preserva o bem.**

**Aversão, cólera, insulto,  
Inveja, impulso violento  
Discórdia, ressentimento  
Desespero e orgulho vão.  
No fundo, somente expressam  
Enfermidades da mente  
Que esperam de toda gente  
O amparo da compaixão.**

**Quando a injúria te ameace,  
Age e constrói, serve e lida,  
A gente guarda na vida  
Somente aquilo que fez.  
Todos estamos na escola,  
Hoje, há quem erre e se gabe,  
Amanhã, talvez... Quem sabe?  
Chegue também nossa vez.**

**(Apontamentos:**

Podemos reagir agressiva e violentamente, também podemos reagir somente de modo agressivo. Podemos engolir apressadamente, também podemos engolir devagar. Podemos ignorar as ofensas, também podemos analisar as ofensas. Toda essa gama de situações apresenta os possíveis estados evolutivos do Espírito, como estamos?)

## CANTIGA DA VIDA

Maria Dolores

**Escuta, alma querida,  
 Se a provação te alcança  
 E te amarfanha a vida,  
 Não te dês à revolta  
 Nem percas a esperança.  
 Embora tolerando luta permanente,  
 Seja ela qual for,  
 Segue o dever que se desdobre à frente,  
 Sem maldizer a própria dor.  
 Deus modifica o sofrimento aceito,  
 Em grandeza, progresso, alegria, proveito...  
 Na Terra, em tudo aquilo que admiras,  
 Do chão que cria a erva ao céu que infunde a paz,  
 A qualquer tempo, em tudo encontrarás,  
 Semelhante lição na estrada em que respiras...  
 No solo retalhado a golpes de tratores,  
 O campo se converte em toucado de flores.  
 A semente largada à cova estranha e escura  
 Renasce do abandono, em beleza e verdura.  
 A árvore na poda, humilhada e desfeita,  
 Acrescenta a abastança e a força da colheita.  
 Da rocha perfurada a fonte se descerra,  
 Espalhando conforto e enriquecendo a terra.  
 Posto ao calor gigante, em supremo embaraço,  
 O minério dá forma às estruturas de aço.  
 Madeira que o serrote alinha, morde e aparta  
 Faz-se na construção a peça nobre e rara.  
 Pérola de alto preço em brilho evanescente  
 É riqueza a surgir de uma ostra doente.  
 O pão que, em todo o mundo, é divino legado  
 É um presente do Céu no trigo massacrado.  
 Água que se sujeita aos preceitos da usina  
 Gera auxílio e poder, revigora e ilumina.  
 Assim também, alma querida e boa,  
 Ante a luz do trabalho, dia-a-dia,  
 Na lei da evolução para crentes e ateus,  
 A presença da dor que nos fere e avalia  
 É socorro da vida e proteção de Deus.**

**(Apontamentos:**

Nada está errado ou perdido, é da Lei de Deus! Conhecemos a Lei de Deus? Vamos estudar um pouquinho mais, pois isso é do nosso maior interesse!)

## CANÇÃO DO TEMPO

Maria Dolores

**Ao Homem que caíra em franco desalento  
O Tempo apareceu, qual companheiro atento,  
E falou-lhe, depois, com carinho invulgar:  
- Amigo, não te dês à tristeza vazia,  
O Céu nos recomenda em cada novo dia:  
- Servir e prosseguir, trabalhar, trabalhar...**

**Isso é de lei na própria Natureza,  
Quando a tormenta cai sobre a erva indefesa,  
Qual gigante rugindo a pleno ar,  
A vida a renascer do vale à serra,  
Determina, em silêncio, ao coração da Terra:  
- Servir e prosseguir, confiar, confiar...**

**O rio ataca os muros da represa,  
Esbraveja, ante as forças de defesa,  
Buscando a fuga por qualquer lugar;  
Vence, depois, sem freio que o detenha:  
E a água proclama quando se despenha:  
- Servir e prosseguir, trabalhar, trabalhar...**

**Para a semente vale por insulto  
O gesto que a retém num canto oculto,  
Qual se fora um veneno a desprezar;  
Mas, atenta à recôndita energia,  
Germina procurando o sol que canta de alegria:  
- Servir e prosseguir, confiar, confiar...**

**Quem aceitou do Céu, como um favor divino,  
Burilar-se a sofrer e guarda por destino  
O Dom de se esquecer e auxiliar,  
Por mais lute nas trilhas em que avança,  
Ouve em si a palavra da esperança:  
- Servir e prosseguir, trabalhar, trabalhar...**

**O Homem que se pusera, enternecido, à escuta,  
Sentiu-se aliviado, ante os riscos da luta,  
E o Tempo rematou, pedindo-lhe pensar:  
- Mágoas e provações? Trabalha por vencê-las,  
E feliz ouvirás a canção das estrelas;  
- Servir e prosseguir, confiar, confiar...**

**(Apontamentos:**

O que deve acontecer amanhã? Imaginemos a possibilidade de sabermos as ocorrências do amanhã e da possibilidade de 'mudarmos' esse amanhã... Muito bem, sabemos o que ocorrerá amanhã e 'mudamos' o nosso 'hoje', mas como saberemos se a nossa mudança apenas mudará 'aquela' ocorrência que nos interessou? Somente saberemos as ocorrências do 'amanhã' quando tivermos pleno conhecimento de todas as possíveis 'intervenções' externas no fato

ocorrido. Ora, isso é exatamente a caminhada evolutiva espiritual através dos reencarnes... Na pureza e perfeição nós 'sabermos' todas as ocorrências!)

## **PRECE POR AUXÍLIO**

**Maria Dolores**

**Compadece-te, meu Deus,  
Dos companheiros em prova,  
Cuja vida se renova  
Somente a preço de dor...  
Não deixes errante em trevas  
Aquele que se perdeu  
Nas tramas do próprio “eu”,  
Sem ver-te a bênção de amor.**

**Meu Deus, ajuda a quem vai  
Sem apoio a que se arrime,  
Na rude estrada do crime,  
Vivendo a revolta e o mal;  
Inspira, ampara e esclarece  
A pessoa envilecida,  
Mostra-lhe a força da vida,  
Na vida bela e imortal.**

**Auxilia-nos a todos  
Entre pedras e entre espinhos  
Dos nossos próprios caminhos,  
Que fizemos tais quais são...  
Senhor da Misericórdia,  
Em tua bênção de luz,  
Queremos seguir Jesus  
Nas trilhas da redenção.**

**(Apontamentos:**

A irmã Maria Dolores apresenta uma prece modelo para os irmãos que não conhecem corretamente as ‘qualidades’ do Criador e que desconhecem as reencarnações...)

## PRECE DE LOUVOR

Maria Dolores

No louvor que te ofertamos,  
Pelas bênçãos que nos dás,  
Em forma de luz e paz,  
Esperança, fé e amor,

Cantamos nós, igualmente:  
- Jesus, por todas as crises  
Das horas menos felizes,  
Louvado sejas, Senhor!...

Pelos instantes de angústia  
Que a tristeza nos descerra,  
Quando encontramos na Terra  
Tribulações a transpor,

Pela ferida que sangra,  
Quando a dor nos toma o peito,  
Por qualquer sonho desfeito,  
Louvado sejas, Senhor!...

Pelas fadigas da luta,  
Que travamos dentro em nós,  
Quando nos vemos a sós,  
Varando sombra e amargor,

Pelos calvários da vida,  
Pela cruz com que nos levas,  
Vencendo provas e trevas,  
Louvado sejas, Senhor!...

**(Apontamentos:**

Louvar é agradecer amorosamente por tudo que recebemos, por tudo que nos ocorre no caminhar da vida encarnada e desencarnada. Porém, essa louvação somente é correta quando conhecemos, entendemos e aceitamos a Lei de Deus. Sem a reencarnação a louvação perde o sentido...)

## A ENFERMEIRA DO ALÉM

Maria Dolores

Ela, a querida irmã desencarnada,  
Fizera-se enfermeira,  
Aliviava a dor, de estrada à estrada,  
Era uma espécie de bondade inteira,

Socorrendo aos irmãos que a morte  
Espalhava nas trevas...  
Há trinta anos servia,  
Sem escolher lugar, trabalho ou dias.

Naquele imenso mar de sombra, o tempo parecia  
Uma chaga mental sem esperança  
De melhorar ou desaparecer...  
Certa feita, contudo, a grande obreira alcança

Uma estranha mulher, deitada numa furna;  
Embora não tivesse a morada carnal,  
Estava cega e só, deformada e ferida,  
Patenteando a dor que lhe marcara a vida.

Ao ouvi-la gemer,  
A irmã dos infelizes,  
Põe-se, em campo, a cumprir  
O que considerava por dever.

Impressionada, ao vê-la de mais perto,  
A missionária, indaga, a peito aberto:  
- irmã, ouço-te o choro, há muitas horas,  
Por que tens tanto fel nas lágrimas que choras?

A pobre murmurou, pausadamente:  
- Ai de mim! O que sou e de onde venho?  
A memória não dá para lembrar...  
Sei mostrar simplesmente as misérias que eu tenho...

Há muitos anos, quantos já nem sei,  
Fui menina feliz num grande lar...  
Recordo muito mais as dores que causei...  
Minha mãe me queria agradecer...

Para exaltar a natureza,  
Num misto de elegância e de beleza,  
E falava que eu era uma rosa entre as rosas,  
Fosse para enfeitar as festas deleitosas

Ou estender no mundo o aroma da alegria...

**Minhas aspirações caíram, uma a uma,  
Minha mãe não me quis em profissão alguma,  
Vestia-me, orgulhosa, o corpo esbelto e fino,**

**Dizia que brilhar traçava-me o destino...  
Casei-me, tive um filho e, depois de dez anos,  
Troquei meu lar feliz por prazeres mundanos,  
Meu esposo rogava o meu regresso em vão.**

**Meu filho fez-se logo um belo rapagão,  
Vendo-me as aventuras, certo dia,  
Ele, menino e moço, veio visitar-me,  
Condenou-me os costumes sem alarme,**

**Falou e lamentou-se em voz severa,  
De conhecer por mãe a mulher má que eu era...  
De cabeça alterada em cocaína,  
Revoltei-me, ataquei-o... Atrás de uma cortina**

**Apanhei um revolver no meu quarto,  
Voltei à sala e apertei o gatilho,  
Num tiro certo, assassinei meu filho!...  
Depois de vê-lo morto, junto a mim,**

**Voltei a arma contra o próprio peito  
E matei-me por fim!...  
Em seguida, a pausa demorada,  
Contou a própria vida e deu o próprio nome...**

**Na pavorosa mágoa que a consome  
A mulher prosseguia, consternada:  
- Nunca mais vi ninguém das pessoas que amei  
Para mim, tudo é noite e a noite me carrega**

**Porque vivo sozinha, triste e cega  
Decerto obedecendo alguma lei  
Que não sei compreender nem explicar...  
A enfermeira caiu em pranto ardente**

**E indagou da mulher, amargamente:  
- E se encontrasses neste mar de trevas  
Nos furacões de dor a que te levas  
A mãe que te entregou à rebeldia,**

**Teu coração que chora a perdoaria?  
- Nada tenho a perdoar –  
Disse a pobre atada ao sofrimento –  
Minha mãe era um anjo em forma de mulher,**

**Jamais a esquecerei, um momento sequer,  
Ela vivia, em tudo, a trabalhar por mim**



**Não teve qualquer culpa de meu fim...  
 Se só me fez o bem, fui eu quem fiz o mal...  
 Do amor que ela me deu  
 Fiz todo um lamaçal...**

**Ninguém pode encontrar motivos de censura  
 No carinho de alguma criatura  
 Que nos dê uma lâmpada sublime,  
 Se lhe usarmos a luz para fazer um crime...**

**A enfermeira abraçou-a a encharcar-se de pranto  
 E quando a jovem triste e atormentada  
 Perguntou-lhe entre aflita e altamente intrigada,  
 Por que razão ela chorava tanto,**

**A benfeitora apenas respondeu:  
 - Deus louvado!... Encontrei o que procuro,  
 Venceremos na Terra do futuro,  
 Filha do coração, a tua mãe sou eu!...**

**(Apontamentos:**

As identificações no mundo dos encarnados está firmada na nossa necessidade de praticarmos a 'fraternidade'. A forma mais comum de expressarmos essa identificação é a que diz: 'É do meu sangue!', são os familiares diretos... Nesta fase evolutiva espiritual ainda transportamos esse 'sentimento' ao mundo espiritual, entre Espíritos erráticos. Não existem filhos entre Espíritos! Todos os Espíritos são irmãos pelo Criador. Os irmãos espirituais irão aprendendo a se confraternizarem, encarnação após encarnação, para concluírem a jornada evolutiva em plena fraternidade universal! Os que já entendem isso procuram dissipar qualquer diferença entre todos os irmãos do orbe terreno, encarnados ou desencarnados!)

**FIM**